

# Jogando pelas beiradas: sobre o vivido de meninos e homens num estádio de futebol em Catingueira-PB<sup>1</sup>

ANTONIO LUIZ DA SILVA<sup>2</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

**DOI:** 10.11606/issn.2316-9133.v22i22p103-117

**resumo** Este artigo descreve algumas cenas do cotidiano de meninos e de homens dentro e ao redor de um campo de futebol em Catingueira - PB. Nele, chamo a atenção para o estádio enquanto importante palco para a encenação do vivido; em seguida, aponto o futebol como espaço político de ocupação social; depois, enfatizo a paixão pelo futebol municipal, indicando-o como elemento que reproduz uma preferência nacional; adiante, mostro o campo como vitrine para revelação dos talentos, apresentando a crença catingueirense no dom nato ao futebol; dando continuidade, antes de reafirmar numa palavra final alguns achados do percurso, narrarei um pouco da organização dos meninos para uma pequena partida de futebol pelas beiradas do gramado.

**palavras-chave** Meninos; Homens; Futebol; Catingueira; Antropologia da Criança

**Playing around the edges: Regarding the experience of boys and men in a football stadium in Catingueira - PB.**

**abstract** This paper describes the everyday scenes of young boys and men both inside and around a soccer field in Catingueira - PB. In it, I call attention to the stadium as an important stage for the staging of life; then I point the soccer as social policy space of occupation; later I emphasize the passion for amateur soccer, showing it as an element that

reproduces a national preference; below, I show the field as showcase for the talents revelation, because the townspeople surveyed believe in the gift born to football; following this, before the final word, in which I will present some of the findings of this article, I will tell a little of the organization to a small boys' soccer match around the edges of the field.

**keywords** Boys; Men; Soccer; Catingueira; Anthropology of Children

## Para começar o assunto

Neste artigo tomo o jogo de futebol, em peladas e em jogos oficiais, para discutir alguns pontos a respeito da infância e da vida das crianças inseridas numa comunidade adulta. Inspiro-me para tanto em duas narrativas da literatura antropológica: uma briga de galo (GEERTZ, 1989) e a inauguração de uma ponte (GLUCKMAN, 1997). Em meu modo de compreender, os dois autores acima referidos, mesmo que não sejam exceções na Antropologia, valorizam sobremaneira o cotidiano como fonte de demonstração de ensinamentos a cerca do vivido. Seus textos revelam que é no dia a dia que as pessoas vão vivendo, aprendendo e construindo suas relações. E, além disso, indicam também que é na rotina diária que o pesquisador pode ver em encenações, mesmo que breves, fragmentos da existência humana, podendo tomar deles algumas lições importantes.

O material deste trabalho é parte de minha pesquisa em Antropologia (SILVA, 2013), realizada em 2012, no interior da Paraíba, na pequena cidade de Catingueira – PB, distante 340 km de João Pessoa, capital do Estado. Em linhas gerais, devo dizer que a cidade referida está localizada no Território do Médio Sertão do Estado da Paraíba, no Vale do Piancó (SECULT, 2012) e é atravessada pela BR-361, o que permite trânsito constante dos viajantes que vêm de Patos – PB, pólo urbano de referência regional, para Olho D'Água – PB, Piancó – PB, Itaporanga – PB, Emas – PB, Aguiar – PB, Conceição – PB, Santa Terezinha – PB, etc. Esse dado geográfico é muito significativo politicamente para se observar a constituição do município. Conforme um dos seus mais argutos pensadores, Seu Paulo, 60a: “Catingueira fica na linha direta”. Em outras palavras, significa que a cidade encontra-se bem no meio do caminho e também à beira da estrada, em conexão com outras cidades da região, ligando-se a várias outras municipalidades, num vai e vem constante.

Catingueira, “(...) segundo dados do IBGE 2010, conta com uma população de 4.812 habitantes, todos distribuídos em uma área territorial de aproximadamente 529,46 km<sup>2</sup>” (SOUZA, SANTOS & PIRES, 2011, p. 23). Portanto, trata-se de uma população pequena dentro de uma imensidão territorial. Sua dimensão geográfica é duas vezes maior que a de João Pessoa – PB, a capital do Estado, bem maior que a de Patos – PB, sua referência regional e apresenta-se quase do mesmo tamanho da de Campina Grande – PB, além de ser maior do que a de muitas cidades do Estado em que se encontra localizada (BRASIL, 2002).

Nela as pessoas vivem, como em numerosas cidades do Nordeste do Brasil, literalmente, como podem. Algumas ainda retiram seu sustento e o de suas famílias a partir da “(...)

agricultura e de alguns empregos gerados pelo comércio local e pela prefeitura, (...) das aposentadorias e do benefício do Programa Bolsa Família” (SANTOS & PIRES, 2011, p.2). Para Souza (2011, p. 22): “na maioria dos casos estas famílias não possuem nenhuma outra renda além do benefício do PBF”. Embora Carlos, 41a, diga que “boa parte das pessoas da cidade tem alguma envolvimento com a zona rural”, não deixa de ter sentido a observação de Pires, Santos e Silva (2011, p. 110) de que: “(...) com o passar das gerações há um aparente desinteresse pelo trabalho agrícola, havendo preferência pelo trabalho no comércio ou na prefeitura”. De algum modo, em Catingueira urbano e rural se entremeiam sem muitas cerimônias em muitos momentos da vida social.

Ao chegar ao município, já ao entardecer, me falaram que havia um circo na cidade e que era a sua última apresentação. Era o Circo Kaoma da Bahia, um desses circos populares, com lona velhinha e estrutura bem comprometida. Depois de localizar o circo, que só funcionaria à noite, dei-me de frente com o estádio e lá estava uma das cenas que vi, repetidamente, durante a temporada de minha pesquisa na cidade: crianças, adultos, bolas e espaço para jogar futebol, numa mistura de disputa bastante confusa, tingida por experiências etárias as mais diversas, que só consegui organizar em meu imaginário tempos depois.

Creio que Catingueira me despertou para o futebol. Ela me deu a entender que, na contemporaneidade brasileira, inserido no contexto do brincar, dos brinquedos e das brincadeiras nacionais, já com certa tradição e prática nas mais variadas regiões do país, o futebol representa um dos melhores tradutores da infância de muitas crianças, especialmente, daquelas do sexo masculino. A partir de lá, reconheço que a bola, em certo sentido e em muitas situações, acaba funcionando

como instrumento de mediação (VIGOSTISKI, 2008), de aprendizados entre crianças e crianças, na construção da cultura de pares (CORSARO, 2011), e entre adultos e crianças, num universo em compartilhamento (TOREN, 2010; PIRES, 2010). Foi reparando o futebol que passei a perceber as ações cotidianas das crianças, como um farol capaz de alumiar o vivido em qualquer comunidade onde estas se encontrem. Nesse sentido, não apenas as vivências adultas são importantes. Imagino que olhando para as crianças pode-se compreender aquilo que elas e os habitantes de suas comunidades acreditam sobre suas vidas. Por isso, a Antropologia que pratico neste argumento resolveu incluí-las, tendo sido feita sobre, com e partir delas, indistintamente, seguindo aqui o caminho que vem sendo palmilhado por vários pensadores desta disciplina, em sua subárea, a Antropologia da Criança (FERNANDES, 2004; NUNES, 2011; COHN, 2005; PIRES, 2011; COELHO, 2011).

Nesta reflexão, num único movimento, embora dividido em tópicos para facilitar a leitura, apresentarei o resultado das várias sentadas que fiz à beira do gramado, seguindo metodologicamente Carlos Brandão (2008), num mergulho de “contaminação”, e Colette Petonnet (2008), numa “observação flutuante”. Início chamando a atenção para o estádio enquanto importante palco para a encenação do vivido; apresento o gramado como espaços de ocupação política social; enfatizo a paixão pelo futebol municipal como um elemento de reprodução de uma preferência nacional; mostro o campo como vitrine para os talentos, indicando que alguns pensadores da cidade o entendem como um dom, embora não desconheçam a possibilidade de que um jogador possa ser também treinado; continuando, antes de uma palavra final, darei ênfase à organização dos meninos para uma pequena partida nas beiradas do gramado, seguindo suas capacidades criativas.

## O campo de futebol como palco para a encenação do vivido

No Brasil, o futebol, produzido pelas diversas regiões nacionais, tem comunicado sempre ricos cenários, a partir dos quais vivências sociais podem ser analisadas. Para Guedes (2011, p. 03): “(...) onde quer que se realize - na várzea, na rua, nos estádios (...) produz e reproduz significados, ideias, valores e crenças plenamente inseridos no processo sócio-cultural da sociedade ou parte da sociedade que o realiza (...)”. Além disso, em Catingueira, o campo de futebol parece inventar, para os meninos que nele se envolvem, um espaço típico de hibridez (CANCLINI, 1997) e confusão, amalgamando várias faixas geracionais, várias experiências, muitos ensinamentos, num único convívio. Esse universo é compartilhado de forma misturada, sincrética e complexa, numa teia relacional não simples, tecida a muitas mãos, com a tintura de muitas experiências, onde, individualmente ou/e em grupos, as pessoas intentam dar a sua colaboração e sentido. O espaço do futebol parece estabelecer uma espécie de terreno para a vivência da liminaridade (TURNER, 1979), num ritual de passagem que beira o obrigatório, no sentido de que muitas crianças encontram nele envolvimento afetivo e efetivo, quase como uma ocupação laboral.

O estádio de futebol de Catingueira, também chamado de “O Vovôzão”, é um equipamento público de grande destaque social, reverberando sua experiência para além de seus muros. Sua força é expressa em seu uso diário, especialmente pelos homens e pelos meninos. Seu gramado é impecável. Mesmo sendo regado, todos os dias, por um trabalhador contratado pela prefeitura, ouvi de vários atletas adultos a indicativa de já terem colocado dinheiro de seu próprio bolso para sua manutenção. O dito estádio localiza-se num espaço cercado por

uma muralha de tijolos de aproximadamente 3 metros de altura. Em uma das cabeceiras e em um dos lados, em formato de “L”, encontra-se a arquibancada, em quatro degraus, feita de tijolo, areia e cimento, estando, assim como o muro que circunda todo o terreno do estádio, caiada de branco. Na parte da entrada existe um terreno não ocupado pelo gramado e é nele que as crianças desenvolvem seus pequenos jogos, como mostrarei mais abaixo. Colado ao portão de entrada tem uma espécie de latada ou palhoça – uma construção feita de madeira e coberta de palha de coqueiro – que serve de vestuário aos atletas e também de amparo contra o sol. Nela homens e meninos se misturam em todas as discussões possíveis.

Em Catingueira, o futebol, de certa forma, oferece um palco aberto para a encenação do vivido, o que interessa ao observador orientado pela Antropologia. Em seu estudo, Almeida (2011, p. 101) já mostrou que o esporte é “(...) um elemento que agrega os acontecimentos sociais, para (...) transformar-se em fonte de produção cultural, bem como em elemento imprescindível para entender os acontecimentos sociais e culturais”. Estou, por isso, acreditando que o futebol, inserido nas culturas ou subcultura das crianças, seja um importante tradutor da infância de vários meninos em Catingueira, da mesma forma que são as crianças um importante holofote para se mirar o vivido na referida cidade.

O futebol é, para Gastaldo (2005, p. 149): “(...) fato cultural da maior importância na cultura brasileira contemporânea, (...) considerado um dos principais elementos articulados com a identidade nacional no Brasil (...)”, ou no dizer de Roberto DaMatta (1994, p. 12): “(...) é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós”. Certamente não é sem motivo que somos considerados “O País

do Futebol”, muito embora não tenha sido o Brasil o seu inventor.

Como no resto do Brasil, em Catingueira, nas muitas rodas de conversas, sobretudo nas masculinas, o futebol ocupa espaço singular. Ponho-me de acordo com Guedes (2011, p. 02) quando diz que: “através do futebol avaliamos e discutimos identidade e honra nacional, composição étnica do povo brasileiro, virilidade e masculinidade, força, fraqueza, coragem, covardia, solidariedade”. Foi assim que o futebol se impôs aos meus olhos. Catingueira me fez ver o quanto ele tem razão de ser uma preferência nacional, porque nele se encena a vida e a paixão ao menos daqueles que nele estão envolvidos.

### **O futebol como política de ocupação dos espaços sociais**

Ver crianças jogando bola, na quadra, nas praças e nas pontas de ruas, teria passado despercebido e sem maiores comentários se não fosse o fato de que muitas pessoas apreciam, pra valer, o futebol na cidade. Era como se o campo desejasse me comunicar uma faceta do seu vivido, da mesma forma que uma briga de galos muitas coisas tinha a ensinar a Geertz (1989) e a inauguração de uma ponte tinha verdades a dizer a Gluckman (1997). Observei que todos os dias acontecem jogos de futebol na parte urbana do município. Além disso, todas as quartas-feiras, várias pessoas se reuniam, num costume já bem antigo, ao redor dos três televisores que ficam no centro da cidade, um na praça, outro na lanchonete e outro no bar do coreto, para assistir aos jogos dos campeonatos brasileiros ou internacionais, transmitidos pela TV aberta. A maioria das casas de Catingueira possui televisores, porém, muitos dos homens e também muitos dos meninos se deslocam de suas residências com a finalidade

última de assistirem aos jogos televisionados no entorno da praça. Que significa essa confluência, ocasionada por esse deslocamento? Para Queiroz e Franch (2010, p. 21): “os espaços públicos são espaços de convívio, de encontro com o outro, com a alteridade, onde se confrontam diferenças, se explicitam conflitos e se praticam também a urbanidade e a política”. Pareceu-me que homens e meninos ocupam os espaços como que para demarcação, demonstração de presença e de poder, ou apenas para dizer: eu também participo, numa cidadania que não é informada apenas na formalidade do ato, descambando para um simbolismo que precisa ser lido com todo cuidado.

Naquelas ocasiões, certamente em muitas outras, sinaliza ocorrer na praça uma divisão de status social. Está claro que todos têm direitos a assistir aos jogos. Não vi nenhuma proibição em lugar nenhum. No entanto, na lanchonete, por exemplo, só ficam as pessoas mais bem postas da cidade, sobretudo, aquelas que dispõem de algum dinheiro extra para gastar enquanto os jogos são transmitidos. Na lanchonete, tudo indicava não ser de bom tom lá permanecer quando não se tinha em mãos nada para mastigar ou engolir durante uma transmissão. No bar do Coreto, também se fica bebericando; no entanto, para lá é tangida, no meu entender, apenas aquela gente de “reputação mais duvidosa”, como disse Seu Agenor 85a, “as putas, e aquele povo sem classe que desce do alto”. A cidade é dividida geograficamente em três partes distintas: o alto, o centro e a parte baixa. Não consigo alcançar muito bem o porquê dessa segregação social, visto que tanto os da lanchonete quanto os do bar do Coreto tinham de pagar por seus próprios consumos. De qualquer forma, isso me apontava para algum critério de moralidade coletiva no município. Em frente à televisão da prefeitura, que está instalada por detrás da Igreja Matriz de São Sebas-

tião, ficam os juvenzinhos, os pré-adolescentes e alguns rapazes mais velhos, talvez porque não dispunham de dinheiro extra para gastar, pois quando o têm com sobra, estes se recusam, inclusive, a tomar os sorvetes ditos “baratos”, que são oferecidos em copos descartáveis, demonstrando clara preferência pelos sorvetes de marcas reconhecidas na cidade.

A televisão da prefeitura, aquela que é, em dias comuns, o único atrativo da praça, fica protegida por uma caixa de ferro, tendo um homem que se responsabiliza por ela, mesmo se queixando de que, há quase 2 anos, não recebe um centavo, como foi acordado com o gestor municipal. Aquele homem, um sujeito muito devotado ao futebol, disse-me que só ligava a televisão porque tinha “(...) dó dos moleques que ficam na praça querendo ver o jogo”. Algumas vezes, durante a semana, ele não ligava a televisão, mas nas quartas-feiras, durante o mês em que estive em campo, não deixou de ligar nenhuma vez.

Destaco ainda que as crianças, enquanto grupo social distinto dos adultos, mostravam ter passagem livre. Estas ficavam indo de um lado para o outro, pouco se importando com as diferenciações e muitas vezes não demonstrando interesse algum em fazer acepção de pessoas ou de lugares. Recordo-me de ter visto crianças, às vezes as mesmas, no bar do Coreto, na lanchonete e também na praça, olhando para a televisão. É bem provável que elas sabiam da “reputação” do bar do Coreto, possivelmente algumas talvez até o evitem, mas essa não foi a marca que melhor ficou impressa em minha observação. Aliás, quem de nós nunca peitou limites sociais impostos à nossa infância? Notei que nesses momentos dos jogos televisionados, quando tinham intimidade com alguns dos adultos, estas lhes pediam pastéis, pipocas, copos de refrigerantes ou aproveitavam para cobrar deles alguma gulo-

seima prometida por alguns trabalhos que elas haviam realizado no campo de futebol, quando tiveram, por exemplo, de guardar pertences dos adultos enquanto estes jogavam.

Não é novidade que a televisão aberta gasta um significativo tempo com o futebol, provavelmente porque este ocupa muito espaço na vida de algumas pessoas, isso no Brasil inteiro. Devo dar razão a Gastaldo (2005, p. 150) quando diz que: os “(...) fatos esportivos constitui-se em um fenômeno de audiência constante na mídia brasileira, o que revela, se não sua ‘importância’ como tema jornalístico, pelo menos sua relevância como fato social”.

### **O futebol como reprodução da preferência nacional**

Catingueira, não encontro aqui melhor argumento, é a terra do esporte único: futebol. É dele que se fala e é ele quem alimenta, de modo especial, o imaginário das crianças e, de um modo geral, o ideário de alguns adultos. Sem dúvida, o futebol aninha o sonho de um monte de meninos catingueirenses, tanto o dos pobres quanto o dos mais favorecidos financeiramente. Poder comprar uma chuteira, dispor de R\$ 15 reais por mês para participar da escolinha de futebol, podendo vestir-se com o fardamento adequado, significa muito. Saulo, 10a, me disse com certa tristeza: “somente meu irmão joga, porque é o pai dele que paga”. Embora Saulo fosse irmão mais novo de Ricardo, 11a, eles partilhavam em comum apenas a mãe.

Em Catingueira parece não haver, praticamente, qualquer outro interesse no que diz respeito às práticas atléticas. No país inteiro, a bem da verdade, como disse Guedes (2011, p. 04): “(...) produzimos continuamente um silêncio absoluto sobre o desempenho dos brasileiros nos outros esportes, só quebrado em eventuais

vitórias internacionais retumbantes”. Embora disponha de açudes e de uma piscina, de construção mais recente, com dimensões suficientes para a prática do nado, não ouvi ninguém falar da possibilidade da prática de natação. Em minha conversa com o coordenador de esportes do município, este disse-me que nunca houve nenhuma proposta de aproveitamento da piscina nessa direção. Estranhamente, a administração da referida piscina não se encontrava a cargo da pasta dos esportes e sim nas mãos da Secretaria de Obras. Não vi também nenhuma outra atividade esportiva sendo executada ou incentivada na cidade, nem o vôlei, nem o basquete, nem mesmo a dança. Ouvi dizer que há capoeiristas ligados à Secretaria de Ação Social, com atividade no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), mas não os vi atuando.

Devo ainda acrescentar que o município conta com dois atletas que chegaram à profissionalização, um dos quais já inativo, residindo na capital, e um outro jogando em um time de Patos – PB, cidade relativamente vizinha à cidade palco desta observação. Esse fato, que aos olhos de qualquer observador poderá representar pouco estatisticamente, constitui um dos maiores orgulhos dos amantes do futebol no município. Em toda a região, a maioria das cidades talvez não tenha sequer um único profissional no mundo dos esportes. Catingueira conta com dois. Todos os amantes do futebol catingueirense falam de Tiago como o exemplo mais recente de alguém que conseguiu subir no futebol. Tive a oportunidade de conversar várias vezes com o referido atleta e de perceber sua incursão no esporte desde menino. Ele me disse que fugia da escola, pulava o muro e vinha para o campo jogar, indicando-me que esse era um comportamento mais ou menos comum aos meninos de sua classe escolar. Contou-me que quando era muito pequeno, os homens, ou “os cabras grandes”, como costumam se referir

aos adultos, o colocavam para fora do campo. “Mais tarde, eles foram vendo meu futebol e muitas vezes iam me buscar em casa, quando eu não tinha dinheiro, eles pagavam pra eu jogar”.

Pensando sobre o jogador internacional, Carmen Rial (2009, p. 14) afirma que: “a carreira de futebolista requer, normalmente, um longo período de formação e depois um período de iniciação em que o jogador tem que buscar seu espaço sem receber para isto auxílio financeiro”. De qualquer forma, diferente dos times profissionais, nos amadores é prática convencional que os jogadores doem alguma quantia para a pequena manutenção do time, visto que a maioria deles não tem nenhum incentivo dos cofres públicos. Mas também é comum que alguns “mecenas do futebol” financiem alguns bons jogadores desprevenidos financeiramente. Mas somente os bons.

Em certo sentido, o gosto das crianças pelo futebol em Catingueira se assemelha à intensidade daquele praticado pelas crianças da tribo Pataxó, que na afirmação de Coelho (2011, p. 79): “uma bola furada e alguns metros quadrados são suficientes para que as crianças Pataxó criem e reinventem o futebol”. Em Catingueira, vi grupos de crianças jogando bola, todos os dias, do amanhecer, passando pelo meio dia, sob um sol escaldante, até às 21 horas ou um pouco mais tarde. Muitas delas só voltavam para casa quando seus responsáveis, sobretudo, suas mães, vinham localizá-las na praça. Ao que pude notar, elas jogam todos os dias, em todos os lugares, até mesmo quando estão na escola. Alguns meninos me disseram que costumavam jogar durante o intervalo ou recreio escolar, num comportamento semelhante ao também observado entre as crianças Pataxó. “Nos recreios e nas aulas de Educação Física dificilmente outra prática toma o lugar do futebol” (COELHO, 2011, p. 80). Vai ver que, em Catingueira, os meninos só param de jogar ou

de pensar em futebol quando dormem.

É verdade que, no que diz respeito ao futebol, dois lugares ocupam seu interesse com mais intensidade: o campo gramado e uma quadra quebrada. No campo seu acesso é mais restrito, mas na quadra, que foi praticamente destruída pelo vendaval, lá elas mandam e desmandam, porque não tem nenhum adulto no comando. Mesmo assim, não posso deixar de acrescentar que os vi jogando em vários lugares: na praça principal, nas ruas, nas calçadas. Soube, por meio de Sandra, 35a, uma trabalhadora pública, que as crianças, algumas delas atendidas pelo PETI, estavam com o “costume de jogar na área coberta da Secretaria de Assistência Social”. Como quebraram todas as lâmpadas daquele espaço foram proibidas de jogar bola lá. Um dos secretários municipais que havia observado a ocupação do espaço, com certa simpatia, disse-me: “lugar ventilado, protegido do sol, tem melhor?”. Porém, ele próprio não podia, por força de seu ofício, ficar do lado das crianças. Como não estava de acordo que apenas mandá-las embora fosse a solução, mesmo não tendo nada a ver com o desejo das crianças, acabou propondo-lhes que voltassem aos sábados e, se quisessem, ele lhes ensinaria a tocar violão, de certo uma atividade bem mais contida e adequada para aquele espaço, ao menos em sua opinião.

### **O estádio de futebol como vitrine para o talento nato**

Percebi também que há uma crença em Catingueira de que o talento para o futebol é de nascença, é um prêmio nato, como um dom divino que o menino traz do berço ou, antes disso, numa espécie de predestinação. Para o catingueirense amante do futebol: “Quem é bom já nasce feito” ou “Nada supera o talento”. Essas expressões parecem se explicar por si sozinhas.

No município, qualquer pessoa que “entenda bem de futebol”, poderia reconhecer, ao assistir a uma partida, seja de meninos seja de homens, qual é o atleta que tem o dom, que é bom de bola, que tem um desempenho superior, separando-o de um jogador comum, “perna de pau” ou apenas peladeiro de ocasião. Os adultos e as crianças parecem “saber” avaliar o talento entre seus pares. Um menino bom de futebol é sempre bem disputado entre seus colegas; os jogadores de um time bom, especialmente os do time de Suélio (time adulto considerado o melhor no município), são sempre requisitados para substituir um jogador fraco no meio de uma partida.

Embora pensando a condição dos atletas de grande fama internacional, seguindo o conceito cunhado por Pierre Bourdieu, Carmem Rial (2006, p.37) diz que: “a construção do habitus de jogador de futebol, indispensável para que ocupem lugar de destaque no campo futebolístico, só miticamente ainda ocorre por acaso, chutando latinhas ou bolas de meias”. Ainda para a referida autora, os atletas contemporâneos “(...) iniciam seu aprendizado regular, sistemático, disciplinado – ou seja, em uma escola - muito cedo” (RIAL, 2006, p.37). Catingueira parece não apresentar oposição ao dado de que algumas pessoas poderão aprender a jogar bola desde cedo, tanto é que existe uma escolinha de futebol na cidade. Além disso, o próprio coordenador de esportes admite que o município carece de maiores investimentos para tornar a referida escolinha acessível aos possíveis talentos mirins. Porém, os pensadores do esporte local ainda distinguem “aqueles que jogam bem” e “aqueles que aprenderam a jogar de um dia desses para cá”. Em outras palavras, isso significa que alguns continuarão “perna de pau” durante toda a vida e, provavelmente, não galgarão nenhum posto no esporte profissional. Assim sendo, a escolinha quando muito seria para preparar

atletas já talentosos, lapidando aquilo que já se traz ao nascer, porque quem não nasceu com o dom parece não ter solução.

Mesmo que não seja do meu interesse diferenciar dom de talento, ação empreendida por Damo (2005), preciso enfatizar que em Catingueira a crença na existência de um dom para o futebol não é apenas forte, é quase insuperável a qualquer forma de argumento que se pretenda opositor. O fato de dois jogadores chegarem à profissionalização sem terem tido uma escolarização sistemática, orientada por especialista, acaba incrementando a convicção de alguns catingueirenses a respeito da possibilidade da existência de uma dádiva natural ou sobrenatural ao futebol. Nesse sentido, o campo de futebol acaba sendo tão somente a principal vitrine para a exposição desses dons, visto que noutros espaços os talentos para o futebol também podem ser apreciados.

Certa vez, à beira do campo, um membro de um time visitante criticou um jogador, chamando-o de “mocorongo” e “perna de pau”. Depois, em tom de pura galhofa, perguntou se ele tinha dinheiro. Quando eu quis saber o porquê de sua indagação, ele me disse, rindo: “ruim daquele jeito, só pagando muito”. Tempos depois fiquei sabendo que aquele jogador ruim de bola era também o dono de um time. É assim que as pessoas chamam os organizadores das equipes de futebol na cidade, e além disso, era uma pessoa muito bem posta financeiramente na comunidade. Penso que está correta a afirmativa de Damo (2005, p. 106): “(...) a força do dom reside na crença dos grupos que reconhecem e manipulam-no, quer dizer, são as configurações sociais que geram o dom as responsáveis por orientar a sua manipulação”. Certamente ele investia o suficiente para ter seu direito de jogar autorizado pelos colegas de equipe; já que não tinha o dom, ele se remediava como podia. Porém, o contrário também ouvi, como no acontecido com

Tiago, que por ser bom de bola, quando não tinha dinheiro era liberado da cota que deveria pagar para jogar. Parece que é mais ou menos assim no futebol amador: todos os jogadores pagam para jogar. Os jogadores ruins devem investir um pouco mais, considerando que não são liberados da cota e jogam bem menos tempo, e os bons jogadores, reconhecidos em sua “excelência”, vez por outra podem ser dispensados da taxa, se encontrarem desprevenidos financeiramente.

Com o dono de time, embora tenha parecido acima que precisa ter dinheiro, creio que seja diferente. Não posso crer que ser dono de time esteja restrito apenas à condição de homem bem posto economicamente na cidade. É bem verdade que dentre os donos dos quatro times que vi na cidade, três eram homens financeiramente influentes no município, três comerciantes, sendo dois envolvidos na política local, tendo um deles se tornado mais tarde vereador. Porém, um deles nem emprego tinha. Isso me dá ao menos o indicativo de que esse cargo pressupõe alguma posição de liderança reconhecida pelos colegas de equipe, muito mais do que uma carteira recheada de notas.

Antes de acabar este tópico devo acrescentar uma pequena nota, mesmo que contraditória. Disse acima que os praticantes e os pensadores do esporte em Catingueira se mantêm fortemente agarrados à noção de dom e à ideia de insuperabilidade do talento nato ao futebol. Contudo, enquanto amantes do esporte eles parecem desconfiar de sua arraigada crença. Em algumas ocasiões deram-me a entender que para tornar-se um atleta profissional é necessário muito mais que dom e talento. Como que numa manipulação conceitual, parecem assentir que para se tornar profissional o candidato, mesmo tendo dom e sendo destacadamente talentoso, precisa contar com a sorte, com a ocasião de descoberta por algum olheiro. Além disso, admitem também que o dom ou/

o talento isolados não transpõem situações adversas, como a deficiência física, por exemplo. Lembro aqui de um lamento pesaroso a respeito de um garoto de destacado talento, o qual, segundo seus avaliadores, havia sido agraciado com o dom de jogar bola, mas infelizmente não iria poder progredir no atletismo. O referido menino nascera com agenesia do membro superior, redundando em ausência de parte significativa de seu braço esquerdo. Ora, se tinha talento, se nascera com o dom, porque não poderia enfrentar os preconceitos sociais ou qualquer outra sorte de coisas?

### **O campo como lugar onde se aprende até pelas beiradas**

O estádio de futebol de Catingueira encontra-se num terreno bastante amplo. Dentro dele, protegido por uma área murada, localiza-se o campo, com grama especialmente cuidada, conforme já destacado neste texto. Dizem entre orgulhosos e críticos, mais críticos que orgulhosos, que aquela grama veio de longe, importada não se sabe de onde, e que custou muito caro aos cofres da prefeitura. Alguns afirmam que o trato do campo não foi feito para a população, mas para que alguns times profissionais de Patos – PB pudessem treinar nele. De qualquer forma, a parte gramada é utilizada apenas pelo futebol adulto. Na parte que fica próxima à porta de entrada, há um terreno livre, com espaço equivalente a quase um terço do tamanho total do campo. Esse espaço livre não tem, propriamente, uso adulto. Lá tem duas traves e é essa beirada de campo que a criançada mais aproveita para seus jogos. Há outro pequeno espaço de aproximadamente dois metros, que fica entre a trave e a arquibancada, mas nessa beirinha curta a meni-

nada não chega a formular times, ficando apenas chutando a bola de um para o outro.

Nos dias em que os homens jogavam, observei que concediam às crianças certa liberdade, deixando que elas brincassem com a bola oficial, que se misturassem com eles, mas somente nos momentos de aquecimentos. Depois disso, quando a partida começava para valer, elas tinham que se retirar do campo, sendo, literalmente, tangidas para as margens, como se o futebol de criança fosse um futebol de menor valor, um futebol das beiradas, à mineira.

É fato que as crianças nunca ocupam o gramado só para elas em Catingueira, o campo de futebol é um “terreno oficial” dos adultos. Com exceção do dia da Escolinha de Futebol, que funciona aos sábados pela manhã e que, para meu desalento, não efetuou nenhum treino no mês em que estive na cidade, o campo é dos “cabras grandes”. As crianças aprendem desde cedo que não podem ocupá-lo, a não ser como alternativas breves, enquanto o jogo oficial dos homens não tem início. Ninguém parece entender isso como discriminação, cerceamento ou outra prática abusiva no que tange ao acesso a direitos iguais no uso de um equipamento público.

De qualquer forma, as crianças atuam todo o tempo pelas beiradas. É naquele pedaço de terreno, que também fica dentro do muro do estádio, que as crianças organizam seus jogos e suas competições, todos de caráter amistosos. É, literalmente, nas beiras do campo que se dá a organização dos pequenos times, os quais mudam muito e o tempo todo. Como disse acima, um mesmo menino, dependendo de seu talento e desempenho reconhecido pelo grupo, pode passar de um pequeno time para o outro, por força de um convite mais atrativo. Embora estes não tenham que pagar para jogar, como acontece com os homens, se ele for um garoto bom de bola é tratado na maior “mordomia”, com mimos de estrelas.

Embora segundo Bernardes (2005, p. 46): “o jogador que desobedece às regras é chamado de ‘desmancha-prazeres’, pois destrói o mundo mágico e esta figura é mais nítida nas brincadeiras infantis”, notei que qualquer jogo também pode se desmanchar antes do tempo previsto, isso se os participantes acharem-no desinteressante ou se o time que estiver se formando do lado de fora fizer alguma pressão, reivindicando o espaço do campo.

Todos os pequenos times têm sempre seu líder. É ele quem divide os garotos, quem separa os times para as disputas, quem rememora as regras do jogo, servindo como uma espécie de “juiz” ou “dono” de time. Um time para estar completo não precisa necessariamente ter 22 jogadores. Muitas vezes, separam-se cinco meninos para cada lado. Pode acontecer de dois garotos distintos formularem seus times para disputar um contra o outro, num verdadeiro duelo de gigantes mirins. Tem ocasião em que a situação se complica e não é possível formular nenhuma proposta de time, e as negociações podem demorar por aproximadamente uns cinco ou dez minutos, nunca mais do que isso, creio que por medo de perderem tempo. Os entraves podem ocorrer porque não se entra em consenso sobre quais garotos serão os titulares e quais ficarão na reserva, ou porque os dois líderes querem os mesmos jogadores em seus times, ou ainda porque os dois times querem começar jogando pelo mesmo lado do campo.

O dono da bola, entre as crianças, é quase rei em seus desejos e merece uma consideração mais detida. Ele tem a prerrogativa de nunca ficar de fora de um jogo. Às vezes pode até escolher em que time vai ficar, com que colegas quer jogar e mesmo determinar quem pode ou não jogar com sua bola. Se se aborrecer e não houver quem o traga de volta ao bom senso, ele pode pegar a sua bola e ir embora do estádio, deixando os demais a chupar dedos. De forma

radical, só vi isso acontecer algumas vezes, não dando pra ter sido mais do que três vezes no mês de minha observação. Nas muitas ocasiões em que o dono da bola se aborrecia, aparecia sempre um garoto que fazia o papel de conciliador, numa sinuosa negociação, na maioria das vezes tendo sucesso. Nessas situações era o desejo de brincar que acabava vitorioso, indicando ser ele um dos maiores imperativos da infância (HUIZINGA, 2000; VIGOTSKY, 2008; SOUSA, 2005; KISHIMOTO, 1994).

É também importante observar que o futebol é um esporte coletivo no sentido pleno da palavra; talvez, por isso, não parecia fazer sentido algum para a maioria daqueles meninos, inclusive para o dono da bola, ficar brincando sozinho, batendo picadinho ou fazendo embaixadinha, num ato solitário. Passada a raiva, vi muitas vezes o dono da bola fazendo concessões ou mesmo abrindo mão daquele seu direito socialmente aceito por todos. Muitos chegavam a entregar a bola para que outros meninos organizassem o jogo. Mas isso nunca me pareceu ser fácil. Era, na verdade, uma descida gigante de seu orgulho ferido.

Ao redor da bola, naquela beirada de campo, os meninos decidem quem vai jogar vestido, utilizando camiseta e calção, ou “pelado”, da cintura para cima, apenas de bermudão; se estabelece quem ficará responsável para pegar a bola, quando esta sair do espaço delimitado. Na beirada do campo fica também acertado quem irá para a reserva ou quem não tem o direito de jogar, porque foi a condição imposta pelo dono da bola ou porque é um jogador muito fraco.

Observando crianças migrantes na Inglaterra, Liana Lewis (2006, p. 56-57) notou que: “existe uma hierarquia entre as crianças baseada na categoria idade, a qual é bastante reforçada pela estrutura escolar. Estando na parte ‘inferior’ desta hierarquia, constitui-se (...) um privilégio para as crianças mais novas brinca-

rem com as mais velhas”. Em Catingueira, a hierarquia infantil existe, e, na organização do jogo de beiradas, ela pareceu-me orientar-se por duas fontes: idade e tamanho físico, mais pelo tamanho dos garotos e menos pela idade. Não os vi perguntando a idade uns dos outros, talvez até já soubessem. Contudo, algumas vezes, ouvi-os dizendo: “você não pode jogar com a gente, é muito pequeno”, “você vai ficar chorando, se levar uma canelada”. Da mesma forma, como num ato de revanche, quando o time era de crianças menores, estas diziam: “você é muito grande, entra não”. Num tom bem humorado, uma vez, Carlinhos, 12a, menino que jogava na escolinha, me disse que seu time só perdeu, porque “os moleques de Catingueira tiveram que jogar com uns pais de família em Itaporanga”. Quando perguntei a idade dos “tais pais de família”, ele me disse: “cabras de 14 e 15 anos”. É perceptível que os que têm de 07 a 09 anos estão, relativamente, no mesmo porte físico, na maioria dos casos, e os que estão entre os 10 e 12 anos, comumente, podem confundir a um observador qualquer. Já aqueles que têm mais do que isso, muitas vezes, se achando rapazes, se negam a jogar com as crianças, indo para o lado dos homens, nem sempre sendo lá aceitos.

Ao contrário da escola que separa as idades, o campo de futebol e a bola, embora separem também a idade, parecem enfatizar muito mais o tamanho. Mas mesmo assim, as crianças ainda arranjam outros artifícios, furando a hierarquia, quando isso é de seu interesse. A própria Liana Lewis (2006, p. 57) afirma: “várias vezes eu vi garotos mais novos tentando interagir com garotos mais velhos, falseando suas idades, tentando convencer os últimos de que possuem idade mais avançada”. De minha parte, vi, em algumas ocasiões, meninos maiores indo jogar no gol, livremente ou porque os menores os obrigavam, para que os pequenos

pudessem jogar no espaço do campo que lhes sobrava, sem o incômodo de serem machucados pelos grandes.

Outro destaque interessante é que em Catingueira, um menino, ainda na idade de criança, independentemente de seu tamanho, corpulência, agilidade, nunca é colocado para competir com os homens. É preciso esperar a chegada dos 14 ou 15 anos. Portanto, somente no meio da adolescência é que eles poderão desfrutar do direito dos homens e do acesso total ao campo gramado. Entretanto, se for um adolescente que não se desenvolveu bastante fisicamente ao ponto de impressionar os adultos, este não entra para competir no time dos homens. Entre os Pataxó parece ser diferente. “A inserção dos meninos nas partidas e treinos dos adultos é um processo que se dá de maneira paulatina e depende de inúmeros fatores”. Mas, sobretudo, da “reconhecida habilidade de alguns garotos” (COELHO, 2011, p. 76). Em Catingueira, as crianças e os adolescentes podem até ser habilidosos, mas se for de tipo raquítico ou “encarcado” não vão jogar entre os homens. O próprio Tiago, tido como bom de bola desde menino, hoje reconhecido profissionalmente, não se esquece de que na infância os homens o colocavam para fora de campo.

### Para uma reflexão final

O que se pode deixar amarrado com base no percurso feito por este texto? Conforme Roberto DaMatta (1994, p. 12): “(...) o futebol reúne muitas coisas na sua invejável multivocalidade, já que é jogo e esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina das massas e evento prazeroso”. Penso que DaMatta é feliz em sua observação. Mesmo a vida nem sempre funcionando “como manda o figurino”, o campo de futebol é um importante palco para

a encenação das coisas do vivido e a Antropologia pode tirar dele várias lições.

Em Catingueira, a partir das beiradas do estádio, observei que ocupando aquele espaço, crianças e adultos, sobretudo, homens e meninos vão dando indicativos de sua “participação política” na vida social da comunidade. Além disso, ficou claro para mim que o campo de futebol de Catingueira não é na cultura nordestina um fenômeno ilhado. Ele representa um pequeno fragmento da preferência nacional, preenchendo boa parte do tempo da vida de alguns grupos daquela cidade. Considerando a partir de lá, é possível ver a forte crença num dom especial para o futebol. Seguindo exemplos confirmativos locais, de pelo menos dois atletas paridos pela cidade, o amante do futebol catingueirense olha para o gramado e o vê como uma vitrine com grande possibilidade para se exhibir o talento nato, talvez por isso seja o campo tão bem cuidado.

Para as crianças, o campo de futebol também é lugar de aprendizado. Ele é antes de tudo um terreno apropriado para variadas formas de sociabilidades, incluindo nela elementos de masculinidades e de relações adultas. A partir dele, meninos e homens vão construindo seus laços de camaradagem, estes aprendendo com aqueles, reproduzindo e também transformando conceitos em ações de reciprocidades, mas também de confrontos geracionais.

Quando penso o espaço do futebol catingueirense como metáfora, entendo que nele o lugar das crianças está garantido, ao menos pelas beiradas, às margens da possessão adulta. Os meninos, se aqui se imagina do ponto de vista concreto, vivem “o já e também “o ainda não”. Estão no campo, mas não dentro dele. Podem jogar em parte dele, porém não no centro. São meninos transformando, a seu modo, experiências de homens. São meninos conquistando uma cidadania que já é de direito, mas ainda não é de fato.

Do ponto de vista da Antropologia aqui praticada, fica claro que as crianças são, assim como todos os demais grupos sociais, sujeitos legítimos no processo de investigação. Sem dúvida elas podem ajudar a Antropologia em sua mirada para o cotidiano comunitário, no qual se descortinam as mais diferentes formas de experiências vividas. Contudo, está claro que as crianças nunca estão sozinhas; mesmo quando não existe nenhum adulto por perto, elas estão sempre em relação às suas famílias ou às pessoas de suas comunidades.

## Notas

1. Meus agradecimentos às professoras Flávia Pires (UFPB), Mônica Franch (UFPB), Marcia Longhi (UFPB), Fernanda Bittencourt Ribeiro (PUC-RS) pelas muitas orientações e contribuições dadas, ao PPGA-UFPB pelo financiamento à pesquisa e a José Soares pela leitura cuidadosa deste artigo.
2. Mestrado em Antropologia, (PPGA/UFPB); Especialização em Gestão Escolar (FAK-CE); Formação de Psicólogo e Licenciatura Plena em Psicologia (UEPB). Membro do Grupo de Pesquisa CRIAS – Criança, Sociedade e Cultura – UFPB.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Marco Bettine. O Esporte como matriz da sociabilidade espontânea: Um olhar pelo referencial habermasiano. In: *Revista da ALESDE*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 100-110, setembro 2011. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/alesde/article/view/20607/15142>. Acesso em 29/04/2012.
- BERNARDES, Elizabeth Lannes. Jogos e brincadeiras: ontem e hoje. In: *Cadernos de História da Educação* - nº. 4 - jan./dez. 2005. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/384/365>. Acesso em 08/08/2012.
- BRANDÃO, Carlos R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. In: *Cultura e Sociedade*, v. 10, n. 1, jan/jun 2007 pp. 11-27. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1719>. Acesso em 12/03/2012.
- BRASIL. Resolução do IBGE nº 05, de 10 de outubro de 2002. Disponível em: [http://pt.wikisource.org/wiki/Resolu%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_IBGE\\_05\\_de\\_2002/Para%C3%ADba](http://pt.wikisource.org/wiki/Resolu%C3%A7%C3%A3o_do_IBGE_05_de_2002/Para%C3%ADba). Acesso em 27/06/2012.
- CANCLINI, Nestor. G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- COELHO, Luciano Silveira. *Infância, aprendizagem e cultura: as crianças pataxó e as práticas sociais do Guaraní*. Dissertação de Mestrado. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais 2011. 136 f. disponível em: [http://opus.grude.ufmg.br/opus/opusanexos.nsf/401ea73efc01934f83256c13006ab709/edf43dcf985977b283257928005a1a6b/\\$FILE/COELHO,%20L.%20S.%20\(2011\).pdf](http://opus.grude.ufmg.br/opus/opusanexos.nsf/401ea73efc01934f83256c13006ab709/edf43dcf985977b283257928005a1a6b/$FILE/COELHO,%20L.%20S.%20(2011).pdf). Acesso em 30/04/2012.
- COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- CORSARO, W. A. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artemedicas, 2011.
- DAMATA, Roberto. Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado do futebol brasileiro. In: *Revista da USP*, n. 22. (1994). Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/22/02-damatta.pdf>. Acesso em 19/06/2012.
- DAMO, Arlei Sander. *Do Dom à Profissão: Uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado. (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. PGAS/UFRS) – Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5343>. Acesso em 27/09/2013.
- FERNANDES, Florestan. As “Trocinhas” do Bom Retiro: Contribuição ao Estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis. In: *Pro-Posições*. V. 15, n.1 (43) – jan./abr. 2004. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/75307090/AsTrocinhas-Do-Bom-Retiro-Florestan-Fernandes>. Acesso em 16/07/2012.
- GASTALDO, Édison. Crônicas da pátria amada: futebol e identidades brasileiras na imprensa esportiva. In: *Antropolítica*, Niterói, n. 19, p. 147-163, 2. sem. 2005. Disponível em: <http://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/cronicas-da-patria-amada-futebol-e-identidades-brasileiras-na-impren->

- sa-esportiva.pdf. Acesso em 22/04/2012.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1989.
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). *Antropologia das Sociedades contemporâneas – Métodos*. São Paulo: global, 1997.
- GUEDES, Simoni Lahud. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. In: *Esporte e Sociedade*, ano 6, n.16, Nov.2010/Fev2011. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1601.pdf>. Acesso em 10/05/2012.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A. 2000. Disponível em: [http://jnsilva.ludicum.org/Huizinga\\_HomoLudens.pdf](http://jnsilva.ludicum.org/Huizinga_HomoLudens.pdf). Acesso em 13/06/2012.
- LEWIS, Liana. Diáspora e negociações de família, gênero e geração. In: *Revista ANTHROPOLOGICAS*, ano 10, volume 17(2): 43-64 (2006). Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistaantropologicas/index.php/revista/article/view/73/69>. Acesso em 08/07/2012.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. In: *Perspectiva*. Florianópolis, UFSC/CED, NUP, v. 12, n. 22, p. 105-128, 1994. Disponível em: <http://www.journal.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10745/10260>. Acesso em 18/06/2012.
- NUNES, Ângela. A Sociedade das Crianças A'uwe – Xavante: Revisitando um Estudo antropológico sobre a Infância. In: *P O I É S I S – Revista do Programa de Pós-Graduação UNISUL*. Tubarão, v. 4, n. 8, p. 342 – 359, Jul./Dez. 2011. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/798/741>. Acesso em 25/04/2012.
- PÉTONNET, Colette. Observação Flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. In: *Antropolítica*. Niterói, n. 25, p. 99-111, 2. Sem. 2008. Disponível em: [http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista\\_antropolitica\\_25.pdf](http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista_antropolitica_25.pdf). Acesso em 02/04/2013.
- PIRES, Flávia F. *Quem tem medo de mal-assombro? Religião e Infância no Semiárido Nordestino*. Rio de Janeiro: E-papers; João Pessoa: UFPB, 2011.
- \_\_\_\_\_. O que as crianças podem fazer pela antropologia? In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 137-157, jul./dez. 2010. <http://www.scielo.br/pdf/ha/v16n34/07.pdf>. Acesso em 10/12/10.
- \_\_\_\_\_; SANTOS, P. O. S.; SILVA, J. K. R. ELAS DECIDEM? Analisando o Papel Familiar da Mulher a partir do Programa Bolsa Família. In: *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 16, março 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/n17/8.%20PIRES%2c%20SANTOS%2cSILVA%20UFPB%20PBF%20108-%20119.pdfwww.cchla.ufpb.br/caos>. Acesso em 06/03/2012.
- QUEIROZ, Tereza C. N.; FRANCH, Mônica. As praças e a cidade: sua história, seus usos. In: FRANCH, Mônica; QUEIROZ, Tereza. *Da Casa à Praça: Um estudo da revitalização de praças em João Pessoa*. Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2010.
- RIAL Carmen. Jogadores Brasileiros na Espanha: Emigrantes, porém... In: *Revista Antropologia em Primeira Mão*, 87/2006:1-49. PPGAS/UFSC. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~antropos/87%5B1%5D.pdf>. Acesso em 03/05/2012.
- \_\_\_\_\_. Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol. In: *Antropologia em Primeira Mão*: 109/2009:1-24. PPGAS/UFSC. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~antropos/109.pdf>. Acesso em 03/05/2012.
- SANTOS, Patricia Oliveira da Silva & PIRES, Flávia F. Conversando com Crianças sobre o Programa Bolsa Família: uma análise antropológica no semi-árido. In: *XXVIII Congresso Internacional Associação Latino Americana de Sociologia*, 6 a 11 de Setembro, Recife – UFPE 2011.
- SECULT. *Plano Municipal de Cultura*. PMC – Prefeitura Municipal de Catingueira, fevereiro de 2012.
- SILVA, Antonio Luiz da. *Pelas Beiradas: Duas décadas do ECA em Catingueira*. (Dissertação) Mestrado em Antropologia, PPGA/UFPB. João Pessoa, 2013.
- SOUZA, Edilma do Nascimento. *As crianças e o Programa Bolsa Família em Catingueira PB: uma reflexão antropológica da condicionalidade escolar a partir do ponto de vista das crianças*. (Monografia) Graduação em Ciências Sociais, UFPB, João Pessoa, 2011.
- \_\_\_\_\_; SANTOS, Patrícia Oliveira da Silva; PIRES, Flávia F. A Contemporaneidade do Dom: O Programa Bolsa Família na cidade de Catingueira. In: *JORNAL DO M.A.U.S.S. IBEROLATINOAMERICANO*. 2011. Disponível em: <http://www.jornaldomauss.org/periodico/wp-content/uploads/2011/09/A-Contemporaneidade-do-Dom-O-Programa-Bolsa-Fam%C3%ADlia-na-cidade-de-Catingueira1>.

- pdf. Acesso em 05/03/2012.
- SOUSA, E. L. "*Que Trabalhos Como Se Brincassem*": *Trabalho e Ludicidade na Infância Capixaba*. (Dissertação) Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2004.
- TOREN, Christina. A matéria da imaginação: o que podemos aprender com as ideias das crianças fijas sobre suas vidas como adultos. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 19-48, jul./dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v16n34/02.pdf>. Acesso em 10/12/10.
- TURNER, Victor W. *O processo Ritual: Estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.
- VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. In: *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, n. 11, Junho de 2008. Disponível em: <http://www.ltds.ufrrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf>. Acesso em 27/04/2012.

**autor**            **Antonio Luiz da Silva**  
Mestre em Antropologia / UFPB

*Recebido em 08/04/2013*

*Aceito para publicação em 03/10/2013*